

**As Crianças do Orfanato de Janusz Korczak:  
Vozes de paz em Tempos de Guerra  
1912-1942**

**Sarita Mucinic**

Sarue<sup>1</sup>

Janusz Korczak nasceu com o nome de Henryk Goldszmit. Para entendermos o escritor, médico e educador Janusz Korczak precisamos conhecer primeiro a história de sua família.

Os Goldszmit constituíam uma família de *maskilim*<sup>2</sup> poloneses: um seletto grupo de judeus, eruditos e estudiosos do pensamento iluminista que pretendiam revolucionar as bases da vida, da educação e do pensamento judaico. Henryk representava a terceira geração, da família instruída em curso superior, que adotava uma vida judaica secular. O avô de Henryk, Hirsh Goldszmit, nasceu em 1805, em Hrubieszow<sup>3</sup>. Foi o primeiro médico do pequeno hospital judaico dessa pequena cidade, e uma das mais importantes comunidades judaicas da Polônia<sup>4</sup>, com fama internacional e ocupada, na época, pelo império austríaco. Como médico da cidade e líder comunitário, Hirsh dedicou a vida à solução do problema da emancipação e da integração dos judeus à sociedade secular influenciado pelo movimento iluminista judaico, a *Haskalá*<sup>5</sup>. A *Haskalá*, inspirada nos ideais iluministas de luta pelos direitos iguais entre os homens e de superação dos privilégios da nobreza, defendia a integração do judeu à sociedade europeia e a valorização da educação secular. Esse movimento trouxe à maioria dos judeus da Europa a possibilidade de ascensão social, diferente da situação marginal e periférica do fim do século XVIII. Hirsh, assim como os primeiros humanistas, buscava soluções para diminuir o isolamento da aldeia judaica e seu atraso cultural e foi inspirado pelas ideias de Moses Mendelssohn<sup>6</sup>, judeu alemão, a primeira figura judaica proeminente a fazer a transição do gueto para a modernidade sem romper com o povo judeu<sup>7</sup>.

---

<sup>1</sup> Título de Mestre em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica na Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Colaboradora da Associação Janusz Korczak do Brasil. Pesquisadora colaboradora do Núcleo de História Oral, Arqshoah - LEER/USP e Instituto da Shoah dos Direitos Humanos, com sede na Bnai Brith.

<sup>2</sup> Palavra em hebraico que denomina os discípulos de Moisés Mendelsohn, que difundiram o Iluminismo ou Ilustração Judaica, a *Haskalá*.

<sup>3</sup> Pequena cidade polonesa localizada a sudeste de Lublin

<sup>4</sup> ERTTEL, 2010, p. 277

<sup>5</sup> Palavra em Hebraico que denomina o período da Ilustração Judaica.

<sup>6</sup> [Filósofo](#) e [rabino judeu-alemão](#), considerado o precursor da [Haskalá](#), ou seja, do Renascimento Judaica na [Europa](#)( 1729 - 1786).

<sup>7</sup> SELTZER, 1989, vol.II, p. 564

Na cidade de Hrubieszow havia seis mil habitantes, entre eles três mil judeus que utilizavam duas línguas no âmbito familiar: a língua hebraica na liturgia e o ídiche<sup>8</sup> como língua vernácula, enquanto somente fora de casa falavam o polonês<sup>9</sup>.

Hirsh e sua esposa Hana tiveram cinco filhos que receberam educação secular preservando a identidade judaica. Na infância, estudaram na escola judaica de Hrubieszow, pois, como as maiorias dos maskilim acreditavam que era importante dar às crianças os fundamentos da Torá<sup>10</sup> no ensino fundamental da escola judaica, para posteriormente ingressar no ensino médio secular.

Os filhos de Hirsh, Joseph, pai de Henryk, assim como seu irmão Jakub, foram estudar direito em Varsóvia em 1860. Diferente de Hrubieszow, a cidade possuía quinhentos mil habitantes, dos quais sessenta mil eram judeus, que viviam numa situação de pobreza<sup>11</sup>. Joseph tinha aspirações literárias e escreveu seu primeiro artigo ao jornal progressista em língua polonesa chamado *Israelite*<sup>12</sup> no qual relata as dificuldades e as impressões de um jovem provinciano ao chegar a uma cidade grande e movimentada como Varsóvia.

Assim como o pai, Joseph dedicou-se até se casar ao projeto de integração dos judeus na sociedade polonesa. Muitos anos depois, Korczak comparou sua vida com a de seu avô e pai e relatou em seu diário nos últimos meses de sua vida, no gueto de Varsóvia em 1942.

**Eu deveria consagrar aqui muito espaço ao meu pai (Joseph): realizo em vida aquilo a que ele mesmo aspirou tão forte e antes dele meu avô quis realizar<sup>13</sup>.**

Em 1874, Joseph, conhecido por sua especialização nas leis do divórcio, foi convidado a proferir palestras sobre as leis matrimoniais em Kalisz, uma antiga cidade industrial no lado ocidental da Polônia. Foi quando conheceu sua esposa Cecylia Gebicka. Dessa união nasceram dois filhos: Henryk e Anna. Cecylia, a mãe de Henryk, neta de médico, foi criada pelos pais dentro dos moldes da *Haskalá*, à semelhança de Joseph, seu marido.

---

<sup>8</sup> Ídiche é a língua judeo-alemã falada pelos *Ashkenazim*, judeus originários da Europa oriental, sendo o nome uma abreviação de *Ídish-Daitsch*, “alemão judaico”. O ídiche surgiu quando os judeus se mudaram, durante a Idade Média, para os países eslavos do leste, após expulsão de países de língua alemã. Escreve-se com caracteres em hebraico, e 20% de suas palavras são hebraicas e aramaicas e 10% de palavras eslavas. (UNTERMAN, 1991, p.121).

<sup>9</sup> LIFTON, B.,2005, p.22

<sup>10</sup> A Bíblia Hebraica

<sup>11</sup> LIFTON, 2005, p.23

<sup>12</sup> (idem, 2005, p.28)

<sup>13</sup> KORCZAC, J.,1986, p.115



**Imagem 03** – A criança Henryk Goldszmit (Korczak) com aproximadamente 10 anos. Fonte: Beit Lohamei Haghetat

O filho de Joseph e Cecília, Henryk Goldszmit, nasceu em Varsóvia no dia 22 de julho de 1878,<sup>14</sup> quando a Polônia se encontrava sob domínio russo. Sua família pertencia à elite polonesa e ele foi educado por tutores dentro do próprio lar até os sete anos, como era costume em alguns círculos restritos. Em seguida seus pais o mandaram estudar na escola russa elementar sem terem aparentemente nenhum envolvimento com o judaísmo

Em seu diário no Gueto conta que seu primeiro contato com a sua judeidade aconteceu com a idade de cinco anos, durante o episódio da morte de seu canário.. A confissão relatada abaixo é decorrente da revelação de sua religião por outra criança, acidentalmente trazendo à tona, pela primeira vez, o dilema de ser judeu num país

católico<sup>15</sup>. O que ocorreu ao menino na sequência do evento o fez entender que ele, como judeu, seria sempre considerado inferior a quem era católico

*Eu quis colocar uma cruz no túmulo. A empregada disse que não, porque era um pássaro, portanto bem inferior ao homem. Chorá-lo já era um pecado. Eis aí a empregada. Mas o que o filho do zelador disse era bem pior: o canário era judeu. E eu também. Eu era judeu e ele, polonês e católico. Ele estará um dia no paraíso; quanto a mim, com a condição de nunca pronunciar palavras feias e levar-lhe docilmente açúcar furtado em casa, poderei entrar, após a minha morte, em alguma coisa que não propriamente o inferno, mas onde, de toda forma, é muito escuro. E eu tive medo do escuro. A morte – judeu – o inferno. O escuro paraíso judeu. Dava o que pensar<sup>16</sup>.*

<sup>14</sup> De acordo com Perlis (1986), há uma dúvida a respeito do ano de nascimento identificada na ficha da SS de inscrição preenchida por Korczak para dar entrada ao Gueto de Varsóvia em 1940. Segundo Lifton (1997), foi o pai de Korczak que registrou proposadamente o filho um ano após seu nascimento, pois era comum atrasar o registro para adiar o futuro alistamento militar.

<sup>15</sup> Fundada como um reino cristão em meados do século X, a Polônia foi constituída de dois grupos étnicos distintos: germanos e eslavos. Os germanos, a oeste, convertidos à fé luterana no século XVI, e os eslavos, cristãos ortodoxos, a leste. Firmaram-se, então, como os mais fervorosos seguidores do catolicismo do leste europeu, situação que, com o tempo, provocou a simbiose entre a nacionalidade e a religião: um verdadeiro polonês deve ser católico. (LIFTON, 2005, p.8).

<sup>16</sup> Diário do Gueto(1942), KORCZAK, 1986, p.12.

Desse episódio até seu ingresso na faculdade de medicina poucos se sabe da educação judaica na família Goldszmit. Em 1896, após a morte prematura do pai aos 52 anos, por suspeita de suicídio, Henryk, ao dezessete anos, foi obrigado a ajudar financeiramente no sustento da casa, passando a dar aulas particulares. A perda lenta e trágica do pai foi um trauma que Korczak trouxe consigo por quase toda vida, conforme está escrito em seu diário:

*A minha vida foi difícil, mas interessante. É o tipo de vida que pedi a Deus na minha mocidade: “Meu Deus, conceda-me uma vida dura, mas bela, rica e elevada”. Quando soube que Slowacki já era autor da mesma oração, sofri; assim a ideia não era minha, eu tive um predecessor. Na idade de dezessete anos comecei a odiar a vida de medo de enlouquecer. Tive medo que parecia pânico do hospital psiquiátrico onde meu pai foi varias vezes internado. Filho de um alienado, eu era, pois, portador de uma tara hereditária. Durante dezenas de anos esta ideia voltou a me atormentar periodicamente e me atormenta até hoje. Mas eu gosto demais da minha loucura para não ficar apavorado ante a ideia de que alguém queira curar-me contra a minha vontade.<sup>17</sup>*

Na Universidade, Henryk passou a ser conhecido pelo pseudônimo de Janusz Korczak. Goldszmit escolheu este pseudônimo aos vinte anos, quando se inscreveu num concurso literário com uma peça teatral intitulada: “*Que caminho?*”. Mesmo não vencendo o concurso, Korczak não desistiu de continuar escrevendo, e passou a trabalhar como colaborador de um semanário cômico chamado *Kolce* (PERLIS, 1990). Formou-se em Medicina e continuou escrevendo artigos sobre a criança. Durante sua vida, ele escreveu vários livros para o público infantil e adulto, alguns deles traduzidos para a língua portuguesa, tais como: *O Rei Mateusinho I*<sup>18</sup>, *Quando eu voltar a ser criança*<sup>19</sup> e *Como amar uma criança*<sup>20</sup>, *A sós com Deus* (2007) e *Diário do Gueto* (1942), em que apresentou suas ideias sobre os direitos da criança e da educação democrática, trazendo novas concepções para o respeito ao desenvolvimento da capacidade de raciocínio espírito crítico das crianças carentes.

Após graduar-se em 1904, iniciou a residência no Hospital Público Judaico Infantil e no ano seguinte, foi convocado pelo Exército Imperial Russo para servir na guerra russo-japonesa (1904-1905)<sup>21</sup> num trem-hospital na ferrovia Transiberiana. Durante a guerra ainda

---

<sup>17</sup> Idem, p.103.

<sup>18</sup> *Rei Mateusinho I* foi publicado, pela primeira vez, em 1923.

<sup>19</sup> A edição original de *Quando eu voltar a ser criança* é de 1925.

<sup>20</sup> A primeira parte desta obra – *A Criança na sua Família* foi originalmente publicada em 1919. A primeira edição completa de *Como amar uma criança* é de 1920.

<sup>21</sup> Entre 1894 e 1917 o Império Russo passou por uma grave crise política. Durante esse período, a expansão russa para leste abriu o caminho para um conflito contra o Japão em 1905, e o desempenho desastroso das forças armadas russas na guerra russo-japonesa configurou-se como uma das principais causas de um movimento espontâneo e anti governamental conhecido como "Revolução de 1905". (BORGER, 2002, p.374).

encontrava tempo para escrever artigos sobre a criança e seus direitos. Ao retornar a Varsóvia, Henryk constatou que seus artigos haviam sido amplamente recebidos pelo público, consagrando-o como "Janusz Korczak, o novo escritor jovem da literatura de Varsóvia". Esses artigos foram incluídos no seu livro *Crianças de Salão* (1906).

Quando, em 1908, seu colega de hospital Dr Izaak Eliasberg<sup>22</sup> lhe contou a respeito da Sociedade Judaica de Ajuda aos Órfãos onde trabalhava com a esposa, Korczak encontrou um novo propósito para a vida: não seria mais apenas escritor ou médico, mas aceitara ser diretor do orfanato. A instituição estava nessa época angariando fundos para a manutenção de um abrigo para crianças órfãs e abandonadas de Varsóvia e Korczak foi convidado a ajudar na arrecadação de donativos para esse projeto. Junto com a educadora Stefania Wilczynska<sup>23</sup>, mais conhecida como Stefa, que dirigia a instituição: foi o começo de uma amizade que durou até o final de suas vidas, em Treblinka. Stefa, judia secular, era formada em Ciências Naturais na Universidade Belga de Liège. Oito anos mais jovem que Korczak, tinha a mesma vontade de dar amor e oportunidades as crianças carentes. Trabalhou voluntariamente no abrigo para crianças e, posteriormente, junto com Korczak, no Orfanato Don Sierot, na Rua Krochmalna.



**Imagem 08** – Korczak ao centro, à esquerda Dr. Eliasberg e a direita Stefa Wilczynska no orfanato *Don Sierot* em 1923. Fonte: Revista Morashá, ano XVI, dez/2008-nº63, p. 25

Mais uma vez, o casal Eliasberg foi responsável por apresentar a Korczak um novo projeto. A ideia consistia na construção de um orfanato modelo, uma vez que o abrigo para

---

O governo incentivou a propaganda antisemita com a publicação de *Os protocolos dos sábios de Sião*, que encorajou mais tumultos, resultando nos pogroms de 1903 a 1906 e que motivaram uma grande emigração de judeus para a Europa Ocidental, América do Sul, África do Sul, Palestina e principalmente Estados Unidos. Isso é uma continuação ou uma outra nota? A referência de Borger não engloba esta informação?

<sup>22</sup> Izaak Eliasberg (1860-1929) foi médico e ativista social e presidente da *Sociedade Judaica de Ajuda aos Órfãos de Varsóvia*.

<sup>23</sup> Segundo Perlis, Korczak já havia conhecido Stefa em Zurique em 1908 quando ambos estudavam a pedagogia de Maria Montessori, porém há controvérsias In LIFTON, 2005, p.135.

crianças órfãs e abandonadas era pequeno diante da enorme demanda por vagas neste tipo de estabelecimento após o fim da guerra russo-japonesa. Em 1910, Korczak e Stefa foram convidados para a realização de um sonho comum: a construção de um ambiente educacional digno das crianças. O novo projeto representou a transição profissional de Korczak: de médico no hospital judaico infantil a diretor do Orfanato Don Sierot, decisão que se tornou para ele um fato a lamentar: Como diretor do orfanato, Korczak idealizou e planejou juntamente com dois arquitetos, a construção de um modelo moderno de arquitetura escolar. Quando foi inaugurado, em 1912, o “Lar das Crianças” [Don Sierot] chegou a abrigar 150 crianças entre 7 e 14 anos de idade. O orfanato localizava-se na Rua Krochmalna, nº92, numa vizinhança que durante séculos abrigava judeus e poloneses.

Korczak aspirava a um orfanato que funcionasse como uma comunidade democrática em que os jovens pudessem constituir seu parlamento, tribunal e jornal e que, dentro de um processo de trabalho grupal, as crianças tivessem a oportunidade de conviver com o próximo, com honestidade e responsabilidade.



**Imagem 09** – Orfanato da Rua Krochmalna, 92 – *Don Sierot*.  
Fonte: KORCZAK, 1972, p. 177.

O orfanato foi inaugurado em outubro de 1912, sendo uma das primeiras instituições desse tipo que possuía instalações modernas, com aquecimento central, dois grandes dormitórios para meninos e meninas, grandes janelas, sala de refeição, sala de estudo, área de lazer, banheiros com água quente e uma moderna e bem equipada cozinha. Lá desenvolveu um modelo de autogestão, no qual as próprias crianças eram responsáveis por atividades que envolviam a administração e a convivência social, o que favorecia a autonomia de pensamento e de sentimentos e a iniciativa na tomada de decisões. No orfanato, Korczak foi o responsável pela introdução de elementos que possibilitavam a convivência democrática tais como: o quadro de avisos, a caixa de cartas, a vitrina dos objetos achados, a divisão do trabalho, o comitê de tutela, as reuniões-debate, o jornal, o tribunal de arbitragem, cujos juízes e demais membros eram facilitadores da ação democrática implantada no cotidiano das crianças.



**Imagem 10** – Refeitório e dormitório do orfanato *Don Sierot* em 1929.  
Fonte: *Beit Lohamei Haghetaot*.

O sistema de autogestão objetivava dar emancipação à criança e lhe outorgar seus direitos. Criou-se um tribunal que zelava pelo respeito à pessoa humana, constituído por juízes, um conselho jurídico e um secretário. O conselho era representado pelo educador e dois juízes eleitos pelo voto secreto, alterando o cargo a cada três meses e seus membros participavam dos julgamentos e encarregavam-se de criar leis obrigatórias para todos. Havia dois suplentes para cada um dos integrantes do conselho, pois existia a possibilidade de um dos integrantes vir a ser réu em alguma ocasião e, nesse caso, precisaria ser substituído. Conforme Korczak, o secretário não julgava, mas recolhia as disposições das testemunhas, lia-as durante as deliberações do Conselho e era o responsável pelo quadro do tribunal, pelo livro das deposições e veredictos, pela lista e pelos fundos de reembolso para os estragos feitos; o secretário que também traçava a curva das sentenças e redigia o jornal do tribunal. Os

juízos resolvidos eram lidos em voz alta para todas as crianças. Aqueles que discordassem, podiam apelar da sentença após um mês da data do julgamento.

Após dois anos de existência do Orfanato, foi criado um Parlamento que contava com vinte deputados, eleitos pelo voto secreto, Korczak como presidente honorário e um secretário. Estes escolhiam entre si uma Comissão Legislativa de cinco membros e um vice-presidente para compor o Senado. Estes aprovavam ou rejeitavam as leis propostas pelo Conselho Jurídico, o estabelecimento do calendário e a atribuição de cartões de lembrança (SINGER, 2010, p.80).

O regime czarista caminhou rumo seu fim com a entrada da Rússia na I Guerra Mundial em 1914 e com a Revolução Russa de 1917. Korczak e Eliasberg foram recrutados e serviram como médicos na *front*. O orfanato, com cento e cinquenta crianças, ficou sob os cuidados de Stefa que, com poucos recursos financeiros, conseguiu mantê-lo até o armistício em 1918. Com as doações diminuídas e o empréstimo bancário reduzido, Stefa realizou um trabalho extraordinário para manter o orfanato intacto e as crianças nutridas e protegidas por quatro anos seguidos.

Após a I Guerra Mundial, a Polônia conseguiu reconstituir-se como país independente, com novas fronteiras que incluíam a Galícia, Poznań e Volínia. “A restauração do país, depois de um século e meio de partilha, não foi conseguida sob a liderança de nenhum dos movimentos políticos devotados exclusivamente a esse fim, mas sob o Partido socialista Polonês, cujo líder, o coronel Pilsudski, se tornou o libertador do país” (HOBSBAWM, 2008, p. 148)

Durante os anos de guerra, Korczak escreveu o livro *Como Amar uma Criança*<sup>24</sup> que originalmente era apenas textos com a intenção de acrescentar conhecimentos sobre as crianças para pais e educadores. Era uma síntese sobre a criança, que ele já havia planejado escrever quando esteve por seis meses em Paris. Neste livro, dirigido a pais e professores, conta suas experiências com a medicina pediátrica e a prática educativa. Uma de suas principais afirmações era de que era impossível amar uma criança se esta não tivesse o direito de crescer sendo a pessoa que ela é.

---

<sup>24</sup> A primeira parte foi publicada em 1919 e a segunda parte, em 1920.

Após a I Guerra Korczak foi solicitado para dar consultoria na criação de instituições para abrigar os milhares de órfãos que perambulavam pelas ruas. Em 1919, ele foi convidado pelo Ministério da Educação polonês para estabelecer um novo orfanato para crianças católicas, filhos de operários, da pequena cidade de Pruzcow, aproximadamente vinte quilômetros ao sul da Polônia. Korczak indicou para o cargo de diretora desse orfanato sua amiga Maryna Falska<sup>25</sup>, que havia conhecido em Kiev onde serviu nos anos da Primeira Guerra. Juntos planejaram e inauguram o orfanato chamado *Nasz Dom* [Nosso Lar] nos moldes do orfanato judaico *Don Sierot*.

A Polônia tornou-se independente depois de cento e vinte anos e seu primeiro chefe de



estado Joseph Pilsudski convocou o recrutamento nacional para a criação de um exército forte num país espremido entre as forças russas e alemãs. Com o intuito de solidificar a posição da

Polônia, Pilsudski aliou-se aos ucranianos e aos lituanos. Uma finalidade de formar uma comunidade federativa polono-soviética. Os soviéticos aproveitaram-se deste período tumultuado e incorporaram mais territórios da Europa Oriental. Em abril Pilsudski iniciou a Guerra polono-Soviética (1919-1921) e enviou suas tropas para recapturar a Lituânia, Minsk e outras cidades contra o domínio soviético. Korczak, com a idade de 41 anos, foi recrutado para servir como major no novo exército polonês no hospital de Lodz.

### Encontro com a Terra de Israel

Em 1934 e 1936, Korczak viajou para a Palestina e ficou hospedado no *kibutz Ein Harod*. O desejo de Korczak de conhecer a Terra de Israel aconteceu por influência de duas educadoras de seu orfanato que emigraram na década de vinte para a Palestina e vários educadores que seguiram o mesmo destino. As educadoras Feiga Lipshitz e Ester Budko Gad iniciaram uma

<sup>25</sup> Maryna Falska (1877-1944), polonesa e pedagoga, dirigiu um abrigo em Kiev para sessenta meninos provenientes de Varsóvia, ao longo da Grande Guerra.

troca de correspondência que continha toda a dificuldade e desafios de adaptação a uma nova terra. As cartas pesquisadas são as respostas de Korczak às questões dos jovens e são um testemunho das ideias, questionamentos e situações vividas por Korczak na Polônia.

Os educadores do orfanato eram em sua maioria monitores de movimentos juvenis sionistas que aproximaram Korczak e Stefa de uma nova realidade. Os educadores, com aprovação de Korczak, promoveram o encontro das crianças do orfanato com as crianças dos movimentos juvenis, introduziram o ensino da língua hebraica e transmitiram ideias sionistas para a construção de uma sociedade justa na Terra de Israel.

A estada de Stefa por três meses no *kibutz Ein Harod* em 1932 foi o impulso que Korczak precisava para decidir conhecer a terra dos ancestrais. Nas duas estadas na Terra de Israel, Korczak foi convidado diariamente a proferir palestras sobre educação, o modelo democrático de autogestão dos dois orfanatos que desenvolveu e sobre temas pediátricos. Os desafios dos jovens pioneiros na realização de seu ideal sionista, o sistema de educação desenvolvido no *kibutz*, a vida das crianças e o trabalho agrícola foram temas que suscitaram em Korczak muitos questionamentos pessoais. E diante desses fatos ele expressou em suas cartas o permanente desejo de retornar à Terra de Israel para visitar mais uma vez ou morar definitivamente.

Por influência de Joseph Arnon<sup>26</sup> (SHNER, 2008, p. 41), um dos educadores bolsistas do orfanato estabeleceu contato com o movimento juvenil sionista chamado Hashomer Hatzair. Entre os anos de 1924 e 1925, Korczak foi apresentado a Moshe Zertel<sup>27</sup>, um dos jovens monitores desta organização, e convidado a proferir palestras pedagógicas aos coordenadores deste movimento com sede em diversas regiões de Varsóvia. A partir desse convívio, Korczak enviou um grupo de crianças do orfanato para participar de um passeio comemorativo da festividade de *Lag B'omer*<sup>28</sup>. Essa parceria se intensificou e Korczak enviou um grupo maior de crianças para participar das colônias de férias e atividades junto com o *Shomer Hatzair*, aproximação que, de acordo com Moshe Zertel (SHNER, 2008, p.41), deu ao orfanato um espírito diferente e especial. Isso pôde ser percebido pelo fato de que daquele momento em diante, no orfanato, junto à bandeira da Polônia, foi hasteada a bandeira azul e branca do movimento sionista e introduzido o ensino da língua hebraica.

---

<sup>26</sup> Joseph Arnon (1919-2005) foi educador do orfanato entre os anos de 1929-1932. Imigrou para Palestina e foi membro do kibutz Ein Hamifratz. Durante anos trocou correspondências com Korczak entre 1932 e 1939. Dentre elas foram regatadas 13 cartas. Escreveu o livro com o título “Quem foi Janusz Korczak?” São Paulo, 2005.

<sup>27</sup> Moshe Zertel, jovem polonês integrante do movimento juvenil sionista *Hashomer Hatzair* (O Jovem Guardiã), imigrou para a Palestina em 1925 e se estabeleceu no Kibutz Ein Shemer. Nas duas viagens de Korczak à Palestina eles se encontram trocaram correspondências até 1939.

<sup>28</sup> Festividade judaica em lembrança ao sábio Rabi Shimon Bar Iokchai (século II), fundador do *Zohar*, a Cabala e discípulo de Rabi Akiva(50-135), grande estudioso nos assuntos da tradição judaica. É costume acender uma grande fogueira, cantar e dançar em volta da mesma.



**Imagem 22** – Korczak ao centro, em baixo, em 1938 no seminário de educadores do movimento juvenil judaico *Hashomer Hatzair* em Varsóvia. Fonte – *Dat Hayered*, 1978, p. 65.

Nesse contexto, a Terra de Israel passou a ser considerada como um lugar para se morar e não apenas um pôster no mural. E Korczak passou a integrar reuniões do *Shomer Hatzair*, proferindo palestras aos pais de incentivo a enviarem seus filhos a participar das colônias de férias proporcionadas pelo movimento juvenil

Korczak escreveu um artigo publicado na sua coluna no jornal judaico *Naash Psheglond* onde reforça ainda mais seu apoio à causa do *Keren Kaiemet Leyisrael*. Mas, segundo Sharshovski (1990, apud SHNER, T. 1998, p.43), nesse artigo, Korczak admirava a força de vontade dos pioneiros para a realização da ideia tão difícil de construção de uma pátria judaica na Palestina, porém questionava se o sionismo era um retorno à Terra de Israel ou apenas uma fuga do antissemitismo. Esse dilema o acompanhou durante sua vida e pôde finalmente ser melhor resolvido após seu encontro com a Terra de Israel.

Korczak, de família rica assimilada, morou em um bairro nobre, estudou em escolas polonesas, ingressou na universidade e serviu o exército. Tinha uma visão e experiência diferente da maioria dos judeus. Ao longo de sua vida considerou essa oportunidade uma chance de realizar pela da educação das crianças um pensamento moderno com a eliminação das diferenças religiosas nas relações da sociedade adulta. Sharshevski (1996) aponta que os primeiros trinta anos da vida de Korczak foram sua fase de vida polonesa. Mas, mesmo nessa época, dizia que o pertencimento do judeu a uma cidadania polonesa era algo a ser construído com o fortalecimento dessa identidade. No orfanato judaico, enfatizava o ensino da história da pátria polonesa para desenvolver o vínculo da cidadania. Korczak acreditava que o problema do antissemitismo poderia ser resolvido pela educação e fusão da cultura judaica e polonesa.

Em 1925 foi publicado no jornal judaico *Alim* de Varsóvia uma entrevista realizada por Yerachmiel Weingarten, jornalista e educador do orfanato judaico, (1979, pp. 195-195) com Korczak sobre a questão sionista. Esse artigo completo consta do livro de Weingarten, que foi educador bolsista do orfanato, e escreveu o livro sobre a vida de Korczak. Desta entrevista podemos contemplar algumas ideias de Korczak sobre a língua iídiche e hebraica.

"O problema das línguas será resolvido, de acordo com meu ponto de vista, daqui a algumas décadas. Na Polônia não há futuro para o hebraico e o iídiche. A língua polonesa será dominante. Possivelmente o hebraico se transformará- após uma determinada época - numa língua vernácula judaica [...] na Terra de Israel - o hebraico. Em todas as diásporas judaicas unificará o credo da língua hebraica [...]". (WEINGARTEN, 1979, pp. 193-194)

O panorama histórico de caminho de Korczak ao encontro das raízes foi realizado com base na pesquisa de campo da israelense Tali Shner<sup>29</sup>. Ela refez o percurso de Korczak pela Palestina em suas duas viagens, em 1934 e 1936. Shner entrou em contato com os arquivistas dos *kibutzim* e *moshavim* com relatos de pessoas que estiveram presentes e nos registros pessoais de Korczak escritos durante as viagens e compilados posteriormente no livro *Dat Hayered* (1978).<sup>30</sup>

Korczak trocou com seus amigos e discípulos na Terra de Israel e que Anita Novinsky descreveu do seguinte modo:

Apesar de se escrever tanto sobre Korczak, existem ainda ângulos de sua vida que não conhecemos e que ainda estão contidos em algumas

---

<sup>29</sup> A pesquisadora israelense Tali Shner (2008, p.39) foi atrás destes registros com o objetivo de colher material sobre Korczak, seus encontros e palestras proferidas na Palestina em 1934 e 1936. Nessa pesquisa Shner se baseou nos escritos de Korczak, em suas anotações pessoais e nos registros por entrevistas.

<sup>30</sup> Segundo Perlis, em suas duas viagens à Palestina em 1934 e 1936, Korczak visitou muitos *kibutzim* e *moshavim* como: *Guenigar, Yagur, Beer Tuvi'a, Ein Harod, Guivat, Brener, Naan, Merchavia, Kfar Guiladi, Gueva e Kineret*. Visitou Haifa e os *Baha'im, Tiberiades e Jerusalém*. As visitas de Korczak foram registradas nos diários dos arquivos desses lugares por onde ele passou e são os testemunhos para o aprofundamento das pesquisas atuais. (PERLIS, 1986, p.128-131)

cartas, raramente mencionadas, que escreveu antes de morrer. São cartas que enviou para Israel que ele chamava de Terra de Israel, entre os anos de 1932 e 1939 endereçadas para Jusek (seu discípulo Joseph Arnon).

Essas cartas foram publicadas em Tel-Aviv em 1977 e constituem um extraordinário testemunho da época e por meio delas podemos conhecer a visão que Janusz Korczak tinha do mundo, naqueles dias sombrios. Revelam suas aflições, as decepções com a política e os homens, o abandono e a fidelidade e amor às suas crianças. (ARNON, 2005, p. 20).

Com o intuito de estreitar os laços entre as crianças da Polônia e da Palestina Korczak publicou um artigo no jornal polonês infantil *Mali Psheglond* no ano de 1926, uma solicitação às crianças da Terra de Israel que enviassem cartas contando como eram suas vidas e seu cotidiano na Palestina.

*Se existe um país, onde é oferecida a chance honestamente à criança para expressar seus sonhos e temores, suas aspirações e suas perplexidades – possivelmente é em Eretz Israel. Lá deveria ser erguido um monumento ao órfão desconhecido [...]*

*(...) Não perdi a esperança de passar meus últimos anos em Eretz Israel e lá sentir saudades da Polônia.*

*Goldszmit<sup>31</sup>*

*Ao menos se tivesse recursos, gostaria de passar meio ano na Terra de Israel, para contemplar o passado, e meio ano na Polônia, para manter as coisas acontecendo por lá [...]. Durante anos tenho observado o desamparo, a tristeza silenciosa das crianças sensíveis, por um lado, as artimanhas descaradas dos animais adultos, por outro. Receio que estejamos apenas testemunhando a destruição, sem sentido, de tudo o que é honesto e amável, o massacre dos cordeiros pelos lobos.*

*Não tenho ilusões – o mesmo deve acontecer na Terra de Israel. Talvez, dadas as minhas condições não familiares lá, minha falta de contatos, ignorância da língua e distância de todas as pessoas, poderia ser capaz de fazer de mim mesmo uma pequena célula monástica, mas viajar para executar este ou aquele trabalho – não, nunca. É demais comprometer-me deste modo<sup>32</sup>*

---

<sup>31</sup> Carta de Korczak enviada a Joseph Arnon em 08/10/1932

<sup>32</sup> Carta de Korczak enviada a Joseph Arnon em 06/12/1933  
KORCZAK, 1978, p.180

Korczak expressou seu sentimento de impotência em defender a criança na Polônia e fez menção às dificuldades na vida dos poloneses, referindo-se ao desamparo e tristeza das crianças vítimas das artimanhas dos adultos, a quem ele se refere como animais, como metáfora relacionada à ascensão do nazismo. Ele se decepcionou com sua pátria polonesa na condição de espectador da tragédia que se desenrolava à sua frente, pela banalização da violência, e expressiu novamente o desejo de se transferir para a Terra de Israel e lá estudar em um *heder*, em Jerusalém ou em Tiberíades. Entretanto, sabia que as maiores vítimas do nazismo eram as crianças, e por isso não poderia abandoná-las. Esse seu compromisso com elas era a razão pela qual não poderia se estabelecer definitivamente na Terra de Israel, ainda que, em algumas cartas, demonstrasse a esperança de passar os últimos anos de vida na Terra de Israel.

Por fim, as dificuldades impostas pela sociedade aos judeus poloneses devido ao crescente antissemitismo trouxeram-lhe angústias e dissabores. Ele tentou influenciar as autoridades em favor das duzentas crianças do orfanato judaico para que não fossem transferidas para o gueto de Varsóvia, mas seus esforços foram em vão. O orfanato funcionou dentro do gueto da mesma maneira como funcionava na Rua Krochmalna, 92, e, independentemente da abominável situação vivida pelos judeus dentro do gueto, Korczak, Stefa, os educadores e as crianças mantiveram-se fiéis aos princípios de ética e respeito humano. Ele lutou até os últimos dias de vida pelo direito das crianças de morrerem com dignidade. Seu desejo de viver na Terra de Israel não se realizou e sua vida terminou no campo de extermínio de Treblinka ao lado das duzentas crianças e dos educadores como Stefa entre outros.

O legado de Korczak foi de deixar tanto na educação quanto na questão sionista uma obra de inegável riqueza e atualidade. Com relação a essa última, a memória de Korczak não ficará completa se não contemplarmos seu interesse e apego ao judaísmo, à causa sionista e à Terra de Israel. Ainda há muito a se pesquisar e a análise de sua produção literária vinculada ao contexto histórico de sua vida e de suas experiências, certamente deverá contribuir para a compreensão da pertinência de Korczak à causa judaica e à questão sionista e que poderá servir como base de uma próxima pesquisa. Além disso, a multiplicidade de campos envolvidos na vida e no trabalho de Korczak dá abertura para inúmeras possibilidades de interpretações e pesquisas, que abrangem áreas como a Psicologia, a História, a Pedagogia, a Linguística e a Medicina pediátrica.

*Que farei depois da guerra?*

*Talvez, chamar-me-ão para ajudar a construir uma nova ordem no mundo ou na Polônia? A coisa é pouco provável e, aliás, não gostaria disto. Ser obrigado a tornar-se funcionário [...]. Gosto de ter as mãos livres para agir<sup>33</sup>.*

---

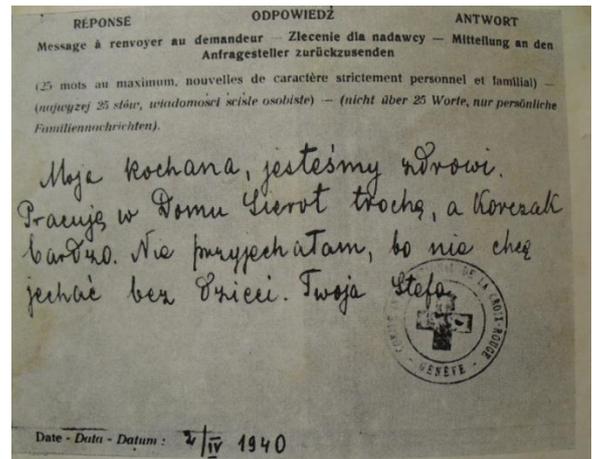
<sup>33</sup> Korczak, *Diário no Gueto*, 1986, p.22

*Tenho a intenção de escrever:[...] Um romance em dois volumes. A história se passa na Palestina. A noite de núpcias de um casal de pioneiros ao pé do Monte Guilboa; no próprio lugar onde fora a fonte; fala-se desta montanha e desta fonte no livro de Moisés<sup>34</sup>.*

*Terminada uma vez a guerra, as pessoas não poderão, por muito tempo, olhar-se nos olhos sem ler aí esta pergunta: Como é que você ainda está aqui? O que você fez para sobreviver?<sup>35</sup>*



**Imagem 41** – Korczak na Terra de Israel em 1936.  
Fonte: *Beit Lohamei haghetaot*



**Imagem 42** – Cartão postal de Stefa enviada a Feiga Lipshitz para Palestina em 2-4-1940 por intermediário da cruz vermelha. Fonte: KORCZAK, 1972, p. 193.

*Quando tive minha primeira experiência indo em direção à Terra de Israel senti algo diferente mais do que uma surpresa, mais do que curiosidade, uma sensação de orgulho, de alegria [...] nenhuma pessoa, nem meus pais – eu sou o primeiro – fui merecedor e cheguei a isso<sup>36</sup>.*

<sup>34</sup> idem, p.13

<sup>35</sup> idem, p.86

<sup>36</sup> No primeiro ensaio “Rashamim Vehirhurim”, Korczak, 1978, p.86



**Imagem 30** – Korczak com as crianças de *Ein Harod* em 1936  
Fonte: *Beit Lohamei Haghetaot*.



**Imagem 34** – Korczak em 1936 com as crianças e educadores de *Ein Harod*  
Fonte: *Beit Lohamei Haghetaot*.

## Bibliografia:

ARENDRT, H. Origens do totalitarismo, anti-semitismo imperialismo totalitarismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

ARNON, J. Quem foi Janusz Korczak? Tradução de Fanny Feffer dirigida por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BAUMAN, Z. Holocausto e Modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

BAUMGARTEN, J.; ERTEL, R.; NIRBORSKI, I. & WIEVIORKA, A. (orgs.). Mil Anos de Culturas Asquenazes. Trad. Nilson Moulin e Sara Rosenchan São Paulo: Editora Bispo, 2010.

BEREZIN, R. Dicionário hebraico-português. São Paulo: Edusp, 1995

CARNEIRO, M.L.T. Cidadão do mundo, o Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo (1933-1948). São Paulo: Perspectiva, 2010.

CARNEIRO, M.L.T. e GOLDSTEIN, A. “Holocausto: Nunca Mais?” Educando para a Cidadania e a Democracia. II Jornada interdisciplinar sobre o Ensino do Holocausto. São Paulo, 2006.

CYTRINOVICZ, R. Memórias da Barbárie, A História do Genocídio dos Judeus na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Nova Stella / Edusp, 1990.

DALLARI, D. A. Janusz Korczak: O Direito da Criança ao Respeito. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

ÉDEN, S. Henryk Goldszmit - Janusz Korczak: Haadam, Hamehanekh, Hasofer (Janusz Korczak – The Man, The educator, The Writer). The Janusz Korczak Association in Israel: Jerusalém, 2000.

KORCZAK, J. Loving every child, wisdom for parents. New York: Harper Collins Publishers, 2007.

KORCZAK, J. (1878-1942) Coletânea de Pensamentos. São Paulo: Ben Abraham, 1998.

\_\_\_\_\_. Como amar uma criança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Dat Hayered*. Israel: By Ghetto Fighters' House Ltd, 1978.

\_\_\_\_\_. Diário do Gueto. Tradução: Jorge Rochtlitz. Título original em francês: Journal Du Gheto. Coleção Elos, Dirigida por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986.

\_\_\_\_\_. *Hamelekh Hamatia Harishon, helek rishon* (O Rei Matheus Primeiro). Tradução do Polonês para o hebraico de Uri Orlev. Jerusalém: Beith Hotzaá keter. s/d.

\_\_\_\_\_. Quando eu voltar a ser criança. Tradução de Yan Michalski; coleção dirigida por Fanny Abramovich. São Paulo: Summus editorial, 1981.

KORCZAK, J.; Min Hgheto, C. (1939 -1942). Tradução do polonês para o hebraico de Tzvi Arad. Tel Aviv: Beit Lohamei Haguetaot, 1972.

LIFTON, B.J. *The King of Children, The Life and Death of Janusz Korczak*. United States: American Academy of Pediatrics, 2005.

PERLIS, I. *Ish Yehudi Mepolin - Haio Upeulo Shel Janusz Korczak, Beit Lohamei Hghetaot by Ghetto Fighter' House, Israel Ltd: 1986.*

SHNER, M. *Dor le dor: Studies in the History of Jewish Education, In Israel and the Diaspora; XXXIII; Interdisciplinary Studies of the Legacy of Janusz Korczak*. Published by The schools of education of Ben-Gurion University of the Negev; Bar-Ilan University; Haifa University; Tel Aviv University; The Hebrew University, Jerusalem, The open University of Israel and Archives of Jewish Education in Israel and the Diaspora in Memory of Aviezer Yellin, in cooperation with the Janusz Korczak Association in Israel an *Beit Lohamei Haghetaot*. Tel-Aviv University, 2008.  
*Beit Lohamei Haghetaot*

SINGER, H.; LEWOWICKI, T.; Murahovschi, J. *Janusz Korczak - Perfil, lições, “O bom doutor”*. São Paulo: Edusp, 1998.

SZPICZKOWSKI, A. *Educação e Talmud: uma releitura da Ética dos Pais*. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2002.

TODOROV, T. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

UNTERMAN, A. *Dicionário Judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

WIESEL, E. *O Tempo do desenraizados*. Rio de Janeiro: Record, 2003.